

Até Citicorp otimista com negociação

Mas este mês não deve haver nenhum pagamento do Brasil, avisa Milliet. Opções de acordo sob segredo

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — A onda de otimismo cercando as negociações da dívida já atingiu o maior credor do Brasil, John Reed, do Citicorp, mas não se deve esperar nenhum pagamento brasileiro até a próxima sexta-feira, dia 29, como informou ontem, em Nova York, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet.

O otimismo em várias áreas do governo norte-americano, e também no Federal Reserve (o Banco Central dos EUA), seria uma consequência direta de várias conversas telefônicas entre o ministro Mailson da Nobrega e o secretário James Baker. As opções de um acordo que os dois discutiram têm sido mantidas em segredo, embora o princípio seja conhecido: o Brasil só poderia pagar, atual-



Oswaldo Jurno AFP

Mailson: conversas telefônicas com o secretário James Baker

mente, um terço dos juros vencidos e a vencer neste ano, e por isso estaria negociando um novo pacote provisório.

O governo norte-americano só participa indiretamente do pacote, como uma de suas fontes dizia on-

tem. "Não haverá nenhum desembolso do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, e só dos bancos." O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, mesmo sem vir a Washington, está sempre em contato com o governo norte-americano. Ele

próprio continuava muito otimista ontem, e quando um repórter lhe perguntou, à entrada dos escritórios de advocacia Shearman and Sterling, se era verdade que estava ocorrendo um novo impasse nas negociações, ele respondeu:

"Acho que não. Acho que tem havido progresso. Nós já temos tido entendimento em alguns pontos, e estamos prosseguindo com entendimentos em outros pontos."

O porta-voz do comitê credor confirmou o otimismo. E o presidente do Citicorp, John Reed, falando a analistas financeiros, disse que espera que o Brasil vá mesmo retomar seus pagamentos aos bancos credores. Para um banco que anunciou perdas de US\$ 1,1 bilhão no ano passado, por causa de seus empréstimos latino-americanos, especialmente ao Brasil, esse otimismo é muito significativo.

RETALIAÇÕES

O progresso nas negociações da dívida serviu, até agora, para adiar as retaliações comerciais norte-americanas por causa da política brasileira de informática. Mas mesmo que até sexta-feira seja anunciado em Nova York um acordo de princípio para a dívida, o cenário para a informática continua o mesmo: as punições podem sair a qualquer momento.

A explicação, de um funcionário do governo, é a de que "uma parte da administração Reagan teme que o anúncio das represálias afete o bom

andamento das negociações da dívida, chegando a uma conclusão".

Mas, para ele, "isto não poderá durar indefinidamente", lembrando-se que a expectativa da aplicação de sobretaxas está "torturando" exportadores brasileiros e importadores norte-americanos. "Nosso governo está consciente de que, a cada dia que passa, a expectativa fica pior do que a própria retaliação."

O governo norte-americano não só está esperando que as negociações da dívida alcancem um acordo de princípio, mas também que alguma novidade surja dos encontros do embaixador Harry Shlaudeman no Brasil. Ele esperava se encontrar com o presidente José Sarney no Rio, antes que a viagem fosse cancelada. Mas encontrou-se, já, com importantes membros do governo que cuidam da informática. O desejo dos Estados Unidos é o de não terem de ir mais até as últimas consequências, como no caso da Microsoft, quando algum novo produto norte-americano for lançado no mercado brasileiro. Tudo indica que se obteve uma garantia sobre a aplicação das leis de informática e de software, o governo norte-americano poderia, até mesmo, suspender as retaliações.